



OPINIÃO

A Uberização da vida

Benedicto Ismael Camargo Dutra (*)

Os recursos naturais do Brasil são os mais valiosos do planeta e, por isso, muito cobiçados. A população tem de ser conscientizada e preparada para a correta utilização desses bens

As florestas não podem continuar sendo destruídas. Os recursos naturais asseguram a continuidade da vida, sendo a água o sustentáculo. Porém o ar, a água, o solo, e as florestas estão deteriorando de forma exponencial. No momento atual, países, empresas e entidades enfrentam uma fase muito difícil.

O estrago em Mariana, decorrente do vazamento da Samarco, que despejou uma montanha de resíduos tóxicos no rio Doce, revela a displicência com a vida, com as criaturas, com a natureza, tudo pelo pensamento unilateral voltado para os interesses materiais. A recuperação das florestas, das nascentes, da fauna, poderia se constituir numa atividade para dar ocupação, renda e conhecimento sobre a natureza para essas populações desassistidas, mas em vez disso permanece o despreparo, baixa escolaridade, atraso e falta de motivação.

Uma bem coordenada autocracia chinesa resultou em continuadas vantagens na balança comercial, enquanto o Ocidente ficou viciado em ganhos financeiros especulativos, gerando desníveis globais na concentração de renda. Isso pode afetar o nível de empregos, mas provavelmente não afeta o equilíbrio das contas do dólar sempre bem planejadas. O que poderíamos fazer para não cairmos numa autocracia global?

Com a invasão cultural os países jovens e menos preparados estão perdendo o sentimento pátrio. No Brasil, muitas pessoas mal sabem o português, mas utilizam várias palavras estrangeiras sem saber exatamente o significado. Costumes, bandeira, história, nada significam diante da avalanche de informações e motivações superficiais. Declina o potencial da população; não há propósitos. Se as nações tendem a desaparecer por interesses e influências alienígenas, o que virá em seu lugar?

De onde vem a desigualdade

econômica? Como se formam grandes fortunas? Com ações imorais como a corrupção, especulação em geral e privilégios. O PIB e lucros se formam com a participação de todos que produzem, utilizando recursos da natureza. A desigualdade na renda se combate com oportunidades gerais, com o esforço dos indivíduos para trabalhar bem e para ampliar seu potencial de forma contínua. Se o ganho vem do trabalho de todos, por que não estabelecer participação no resultado, avaliando o mérito individual?

O Brasil vacilou e agora não sabe como se recuperar, pois enfrentou a inflação com valorização cambial, descuidou do equilíbrio das contas internas e externas, e conforme tabela do crescimento apresentada pelo economista Delfim Neto, desde 1994 vem apresentando crescimento inferior aos emergentes. Há o receio de que a maioria dos candidatos às eleições 2018 não esteja preparada para reconhecer o problema e promover melhoras no crescimento e na qualidade de vida. Precisamos de políticos idôneos e empenhados com o progresso do país, escolhendo equipes competentes.

Privatizar é necessário, pois o Estado-empresário não dá certo porque tudo fica nas mãos dos mandarins que fazem o que querem para beneficiarem a si mesmos. Endividar o país para privatizar tem um aroma de safadeza que vem arruinando o Brasil há décadas. O país perdeu o rumo ao permitir que as maracutaías fossem aceitas, levando à falta de seriedade que destrutura tudo e incrementa a violência. Governo endividado, empresas em dificuldades, população descontente, produção reduzida.

A retração no mercado interno e o aumento da concentração de renda podem ter como provável causa a “Uberização” da produção mundial com o processo de redução do custo que vai acarretando desemprego crescente onde os custos sejam inelásticos. Para alcançar o progresso real, é indispensável que as pessoas busquem a ampliação do seu potencial de forma continuada.

(*) - Graduado pela FEA/USP, faz parte do Conselho de Administração do Prodigy Berrini Grand Hotel, é articulista colaborador de jornais e realiza palestras sobre temas ligados à qualidade de vida. Coordena os sites (www.vidaaprendizado.com.br) e (www.library.com.br). E-mail: bicdutra@library.com.br.

1% da população ganha 36 vezes a renda da metade mais pobre

Dados divulgados ontem (29) pelo IBGE, mostram que, em 2016, 1% dos trabalhadores com os maiores rendimentos recebia por mês, em média, R\$ 27.085 - o equivalente a 36,3 vezes mais do que a metade da população com os menores rendimentos, que ganhava, em média, R\$ 747. A massa de rendimento médio mensal real domiciliar per capita alcançou R\$ 255,1 bilhões em 2016.

A parcela dos 10% com os menores rendimentos da população detinha apenas 0,8% do total, enquanto os 10% com os maiores rendimentos ficaram com 43,4%. O grupo dos que têm maior rendimento tem uma parcela da massa de rendimento superior à dos 80% da população com os menores rendimentos (40,8%). O rendimento domiciliar per capita é a divisão dos rendimentos domi-

ciliares pelo total de moradores.

No país, o rendimento médio real domiciliar per capita foi R\$ 1.242. As regiões Norte e Nordeste apresentaram os menores valores (R\$ 772) e a região Sudeste o maior, R\$ 1.537. Da remuneração média mensal domiciliar per capita, 74,8% provém do trabalho e 25,2% vêm de outras fontes, principalmente aposentadorias e pensão (18,7%).

A pesquisa também apontou diferenças salariais entre homens e mulheres. No ano passado, elas receberam, em média, R\$ 1.836, o que equivale a 22,9% menos do que os homens (R\$ 2.380). O Sudeste registrou a maior média de rendimento para homens, R\$ 2.897, e mulheres, R\$ 2.078. No entanto, a região também teve a maior desigualdade salarial do país: as mulheres ganham 28,3% menos do que os homens (ABR).

Brasil tem 30 mil crianças de cinco a nove anos no mercado de trabalho

No Brasil, em 2016, segundo os dados da Pnad Contínua divulgada ontem (29) pelo IBGE, de um total de 40,1 milhões de crianças e adolescentes no grupo de 5 a 17 anos, 1,8 milhão estavam no mercado de trabalho

O nível de ocupação para esta população foi 4,6%, principalmente concentrado no grupo de idade de 14 a 17 anos. Entre as crianças de 5 a 9 anos de idade, 0,2% encontrava-se ocupada em 2016, ou 30 mil crianças, enquanto no grupo de 10 a 13 esse percentual era de 1,3% ou 160 mil crianças. De 14 a 15 anos, 6,4% dos jovens estavam ocupados (430 mil) e de 16 a 17 anos eram 17% (cerca de 1,2 milhão).

As crianças pretas ou pardas eram maioria entre as ocupadas, representando 64,1%. Entre as crianças ocupadas de 5 a 13 anos, 71,8% eram pretas ou pardas, e para o grupo de 14 a 17 anos, o percentual de pretas ou pardas foi de 63,2%. Na média, no Brasil, 81,4% das crianças e adolescentes ocupados frequentavam a escola no ano de 2016. A desagregação por grupo de idade mostrou que 98,4% das crianças de 5 a 13 que se encontravam ocupadas frequentavam a escola. Para o



Entre as crianças de 5 a 9 anos de idade, 0,2% encontrava-se ocupada em 2016, ou 30 mil.

grupo de 14 a 17 esse percentual foi 79,5%. Das crianças de 5 a 17 anos ocupadas que frequentavam a escola, 94,8% estudavam na rede pública e 5,2% na rede privada.

A agricultura era a principal atividade das crianças trabalhadoras de 5 a 13 anos, concentrando 47,6% delas. Já para os ocupados de 14 a 17 anos,

a principal atividade era o comércio, com 27,2% deles. Além disso, enquanto 66% do grupo de 14 a 17 estavam ocupados na condição de empregado, 73% das crianças de 5 a 13 anos ocupadas eram trabalhadores familiares auxiliares.

Dentre os ocupados de 14 e 15 anos de idade na posição de empregado, 89,5% não tinham

carteira de trabalho assinada. Entre os jovens empregados de 16 e 17 anos, o percentual dos que tinham registro em carteira foi de 29,2% em 2016, os demais não eram registrados.

O rendimento médio mensal real habitualmente recebido de todos os trabalhos pelas pessoas de 5 a 17 anos de idade, ocupadas na semana de referência, com rendimento de trabalho em 2016, foi estimado em R\$ 514.

A região com maior proporção de trabalho infantil entre as crianças de 5 a 13 anos de idade foi a Norte, com nível de ocupação deste grupo de 1,5% (aproximadamente 47 mil), seguida pelo Nordeste, com 1% (cerca de 79 mil). Já o trabalho entre os adolescentes de 14 a 17 anos foi proporcionalmente maior na região Sul, com 16,6% no nível de ocupação. Do total de crianças e adolescentes que estavam no mercado de trabalho em 2016, 34,7% eram mulheres e 65,3% eram homens (ABR).

China aumenta importação de produtos brasileiros

A China assinou ontem (29) acordo de cooperação para aumentar a importação de produtos brasileiros. O compromisso foi firmado entre o Conselho Chinês de Promoção do Comércio Internacional e o Grupo de Líderes Empresariais (Lide) durante o seminário Brasil-China. De acordo com o vice-presidente do Conselho Chinês de Comércio Internacional, Chen Zhou, a China quer descobrir novas potencialidades de comércio com o Brasil, além dos principais produtos enviados atualmente, como soja, petróleo e minérios.

A cooperação chinesa incluiria também parceria na cadeia produtiva, com objetivo de reduzir o custo de logística, que hoje significa grande entrave para o desenvolvimento industrial e do agronegócio brasileiro. Outra medida é a ampliação de seminários para facilitar a troca de experiências entre os empresários dos dois países.

Segundo Zhou, nos últimos quatro anos, o crescimento da China foi aproximadamente 7% e há previsão de crescimento estável semelhante nos próximos anos. Atualmente, a China tem 200 empresas com investimentos em território brasileiro. A cônsul-geral da China no Brasil, Chen Peijie, estima que, nos três primeiros trimestres deste ano, o investimento chinês no Brasil foi 63,5 bilhões de dólares, crescimento de 28,4% em relação ao mesmo período do ano anterior.

No âmbito estadual, as exportações da China para São Paulo somaram 8,5 bilhões de dólares em dez anos, crescimento de 85% na década. As importações da China de produtos produzidos em São Paulo aumentaram 400% em dez anos, totalizando 4 bilhões de dólares. O secretário da Fazenda de São Paulo, Hélio Tokeshi, disse que a meta é minimizar a importação pelos chineses de produtos primários, em detrimento dos bens acabados. “Queremos comércio inter-indústria” (ABR).

Papa cita Buda ao pedir união religiosa pela paz

O papa Francisco se reuniu ontem (29) com o Conselho Supremo Sangha, que reúne os monges budistas de Myanmar, e pediu a união religiosa para promover a paz e combater a intolerância. Para atingir o objetivo, Jorge Mario Bergoglio usou uma frase do próprio Buda em que ele pede para derrotar a “raiva com a não raiva”.

Segundo Francisco, as “tradições espirituais indicam que existem um caminho para a cura [...] e não apenas em Myanmar, mas em todo o mundo, porque todas as pessoas buscam o comum testemunho dos líderes religiosos”. “Não podemos permanecer isolados, mas unidos uns aos outros. Se somos chamados a ser unidos, como é o nosso propósito, precisamos superar todas as formas de incompreensão, de intolerância, de preconceito, de ódio”, acrescentou.

Além dos líderes budistas, participou do encontro também o ministro para Assuntos Religiosos, Thura U Aung Ko, e o presidente



Papa Francisco se reuniu monges budistas de Myanmar, e pediu a união religiosa.

do Sangha, Bhaddanta Kumarabhivamsa. Esse último também falou, pouco antes do Pontífice, e destacou o papel das religiões contra o “terrorismo” e a necessidade da troca recíproca entre as religiões, além da colaboração entre elas para a “pacificação do mundo”. Por sua vez, o argentino lembrou da “paciência” necessária para “curar as feridas dos conflitos em curso no país, que durante os últimos anos atingiu pessoas

de diversas culturas e etnias”. Apesar de considerar que os conflitos não são culpa apenas dos líderes religiosos e do governo, mas sim de toda a sociedade, Francisco destacou que os dois primeiros grupos tem “mais responsabilidade” e que precisam “garantir que cada voz seja ouvida com imparcialidade e solidariedade”. De acordo com dados oficiais, 89% dos moradores de Myanmar pertencem ao budismo Theravada (ANSA).

Presidente toma posse no Quênia em meio a protestos

Após um conturbado processo eleitoral, Uhuru Kenyatta deu início ao seu segundo mandato como presidente do Quênia, em uma cerimônia realizada na terça-feira (28), na capital Nairóbi. Diante de milhares de pessoas, Kenyatta jurou defender a Constituição e a dignidade dos cidadãos do país, afirmando que irá governar “para todos os quenianos”.

A cerimônia de posse foi realizada no estádio de Karasani, que possui capacidade para pouco mais de 60 mil pessoas. De acordo com a imprensa local, o evento custou aos cofres públicos 300 milhões de xelins quenianos (cerca de R\$ 9,3 milhões). No entanto, enquanto a cerimônia acontecia no estádio,



Uhuru Kenyatta deu início ao seu segundo mandato.

diversos pontos da cidade ficaram em momentos de tensão

por conta das manifestações feitas pela oposição. Há denúncias de manifestantes mortos, mas a polícia não confirma as informações.

A primeira votação foi anulada pela Suprema Corte do Quênia, após “irregularidades” durante a transmissão dos resultados. Com isso, as eleições foram remaradas, mas a chapa opositora liderada por Raila Odinga se retirou da disputa denunciando “fraudes” do governo. Aos 56 anos, antes de assumir a presidência do país em 2013, Kenyatta foi vice-primeiro ministro e ministro das Finanças. O atual líder queniano é filho de Jomo Kenyatta, primeiro presidente do Quênia após a independência (ANSA).